



## VISITA AO CENTRO HISTÓRICO DE MONTES CLAROS E AO MUSEU REGIONAL DO NORTE DE MINAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tatiane Rocha Matos<sup>1</sup>

Romário Allef Ribeiro Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho trata de um relato de experiência desenvolvido através de uma visita ao Centro Histórico na cidade de Montes Claros e ao Museu Regional do Norte de Minas, sob coordenação da professora Raiana Maciel, no âmbito da disciplina Educação e Diversidade Cultural. Tem como objetivo, portanto, refletir e relatar as experiências vividas durante a visita, priorizando o olhar sobre grupos invisibilizados perante a sociedade, sendo eles: as mulheres, os indígenas e os negros.

**Palavras-Chave:** Diversidade Cultural. Museu. Educação.

### 1. INTRODUÇÃO

A cidade de Montes Claros começou a sua história no século XVII, quando era apenas uma fazenda: a Fazenda Arraial. Nessa época, era comum os bandeirantes construírem como marco de suas descobertas uma igreja, neste caso, foi construída a igreja da Matriz, primeira igreja de Montes Claros. A partir desta construção foi se desenvolvendo ao seu redor as ruas, casarões, casas e diferentes grupos de pessoas que fizeram e fazem parte da história da cidade.

É nesse cenário que se desenvolve a visita ao centro histórico da cidade de Montes Claros e ao Museu Regional do Norte de Minas. Dessa forma, este relato tem como objetivo relatar sobre as experiências vividas no decorrer da visita, através principalmente de um olhar sobre os grupos invisibilizados, sendo eles: as

<sup>1</sup> Tatiane Rocha Matos, Mestranda em Educação pela Unimontes. Bolsista Fapemig. [tatyrochaferraira@gmail.com](mailto:tatyrochaferraira@gmail.com). <http://lattes.cnpq.br/9781705360329105>.

<sup>2</sup> Romário Allef Ribeiro Silva. Doutorando em Música da UFMG. Mestre em Música UFSJ. Docente do Conservatório Estadual de Música Lobo de Mesquita- Diamantina. [r.allef.rs@gmail.com](mailto:r.allef.rs@gmail.com). <http://lattes.cnpq.br/0172711806275313>

mulheres, os indígenas e os negros. O texto problematiza a necessidade de reeducação do olhar e suscita as problemáticas: de que forma a cidade e o museu olha para os grupos invisibilizados? Como os educadores podem contribuir com a desconstrução do olhar e promover mudanças no currículo escolar? Através da ressignificação da história dos grupos invisibilizados é possível conhecer a história sob outras perspectivas, a partir também das suas bonitezas, ressaltando a cultura desses grupos, que constituem a nossa própria cultura.

## **2. METODOLOGIA**

A metodologia de desenvolvimento da proposta pedagógica desenvolvida foi dividida em três partes. A primeira, contemplou uma sensibilização feita pela professora a respeito dos locais que seriam visitados, bem como a história de pessoas que contribuíram e participaram ativamente de diferentes momentos da história da cidade. A segunda: de caráter prático, foi realizada a visita ao centro histórico de Montes Claros, bem como ao Museu Regional do Norte de Minas. Na terceira, foi desenvolvida uma conversa com o grupo sobre o que foi possível observar e refletir sobre a visita.

## **3. REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo Candau (2013) a consciência do caráter homogeneizador e monocultural da escola está cada vez mais forte e existe a consciência e necessidade de rompimento das práticas pedagógicas que caracterizam a educação monocultural, para dar lugar a práticas educativas em que as diferenças culturais se façam presentes no contexto escolar, transformando em uma educação que seja intercultural.

Para Munanga (2011) “O que está em debate na atualidade é a ideia de que uma educação centrada na cultura e nos valores da sociedade que educa deve suceder uma educação que dá valor à diversidade (histórica e cultural)”. Dessa forma, promover uma educação que seja pautada na diversidade cultural, poderá estabelecer o conhecimento de grupos invisibilizados no decorrer da história e também a própria história das pessoas envolvidas nos processos educativos.

Tais histórias, também deveriam ocupar lugar nos currículos das escolas e nas práticas pedagógicas, contribuindo com a diminuição do preconceito e discriminação racial, que hoje é tão presente nas escolas brasileiras. Para Munanga (2011), a educação desenvolvida a partir de uma perspectiva que seja diversificada culturalmente “convida para um olhar crítico sobre as questões relacionadas com a construção de nossas identidades individuais e coletivas, fazendo delas uma fonte de riqueza e de desenvolvimento individual e coletivo”.

Para Verde e Martins (2021), a história local, abordada através de práticas educativas, poderia ocupar lugar em propostas curriculares que associam o cotidiano à diversidade cultural, despertando nos alunos reflexões sobre a diversidade em perspectiva histórica. De acordo com estes autores, a história que chega aos alunos nas escolas é verticalizada e retira as possibilidades de dimensão crítica e experimental de suas interpretações, problematizar o conhecimento por meio da diversidade cultural proporciona ao aluno um caminho alternativo, e visitas a museus e locais históricos podem proporcionar aos alunos o contato com monumentos, fotografias, música, promovendo a desconstrução do olhar estabelecido por uma visão homogênea cultural da história.

Dessa forma, é importante trazer para o âmbito das discussões escolares, práticas educativas que trazem em si a história das cidades dos alunos e também da sua própria realidade, promovendo um olhar sensível e crítico a respeito da memória e patrimônio local promovendo a interculturalidade, ou seja, o diálogo entre várias culturas.

#### **4. VISIBILIDADE A GRUPOS INVISIBILIZADOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Irei relatar nesta sessão a minha vivência e reflexões sobre a visita que aconteceu no dia 17/05. Estive juntamente com a turma da disciplina de Educação e Diversidade Cultural no centro histórico da cidade de Montes Claros. O local contempla um conjunto arquitetônico que é tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro e também o Museu Regional do Norte de Minas.

Em um primeiro momento foi feito pela professora uma sensibilização a respeito dos lugares que seriam visitados, bem como a apresentação de diferentes figuras importantes para a cidade de Montes Claros. Pude observar também nesse momento, a presença de grupos invisibilizados. Tais grupos, principalmente os

grupos das mulheres, tiveram um local de destaque na fala da professora e figuras como a professora Dulce Sarmiento e Dona Eva se tornaram protagonistas em um lugar onde geralmente seria abordada a história através de figuras masculinas.

Foi possível conhecer neste momento o processo de criação do Museu Regional do Norte de Minas. A professora Raiana Maciel, teve o prazer e a oportunidade de coordenar a sua implantação, e nos proporcionou com um relato da sua experiência.

No segundo momento da proposta pedagógica, foi desenvolvida a visita ao centro histórico da cidade de Montes Claros e ao Museu Regional do Norte de Minas. A visita começou pela rua Dona Eva, primeira professora mulher da cidade e também criadora da banda Euterpe.

Foi possível contemplar a residência mais antiga de Montes Claros, a praça Dr Chaves, a igreja da matriz, o coreto Nivaldo Maciel, dentre outros locais. O centro da cidade, lugar comum e tão conhecido por mim, foi se transformando no centro histórico de Montes Claros, algo desconhecido e cheio de histórias para contar.

Ao decorrer da visita ao centro histórico, procuramos sempre relacionar o que víamos com as discussões feitas em sala de aula, e foi possível perceber que apesar do conhecimento de importantes figuras como: Dr Chaves, Hermes de Paula, Nivaldo Maciel, Dulce Sarmiento e Dona Eva, nos sentíamos a necessidade de conhecer outras figuras como por exemplo pessoas negras que viveram na cidade e que com certeza tiveram também grande importância na história. No entanto, conforme relatado pela professora, a carência de registros dificulta o conhecimento de tais histórias. Apesar de existir na cidade um jornal que relatava importantes acontecimentos da cidade em épocas passadas e que hoje se tornou fonte de pesquisa para pesquisadores de diversas áreas, esse jornal enfatizava a Elite Montesclarenses, impossibilitando o conhecimento de outras histórias, deixando uma lacuna na história.

O museu, assim como o centro da cidade já havia sido visitado por mim em outros momentos, no entanto, procurei observar qual o lugar as pessoas indígenas, negros e mulheres ocupavam no museu.

A segunda sala retratava a cultura africana através de grilhões e armas e eu gostaria de ver algo além. Tais instrumentos me causaram uma sensação estranha e arrepios. Creio que não devemos nunca nos esquecer das atrocidades

que foram acometidas a esses grupos invisibilizados e colocados à margem da nossa sociedade, mas devemos como forma de reparação mostrar para quem visita esses ambientes e principalmente as crianças as suas bonitezas.

Foi possível observar durante a visita, comparações da nossa cultura com a cultura européia, por exemplo: Zé côco do riachão era tido como o Beethoven do Sertão, pude perceber a necessidade de sempre europeizar a cultura brasileira, como se as riquezas que aqui existem não devesse serem vistas como algo daqui, mas sempre comparado com algo de outro lugar.

O terceiro momento da atividade contemplou uma discussão com a turma sobre quais aspectos foram observados no decorrer da visita. A partir da visita foi suscitado no grupo a necessidade e vontade de conhecer a nossa história local e a importância de pesquisas que tratem do nosso povo, principalmente os grupos invisibilizados.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da visita ao centro histórico de Montes Claros e ao Museu Regional do Norte de Minas foi possível visualizar de forma prática os temas discutidos na disciplina Educação e Diversidade Cultural. Foi possível constatar também que tanto o centro histórico como o museu preservam ainda o olhar do colonizador, e é necessário a ressignificação desse olhar através de práticas pedagógicas que priorizem a diversidade cultural, principalmente de grupos invisibilizados pela sociedade.

A educação monocultural presente nos currículos prejudica o desenvolvimento da interculturalidade no âmbito escolar. É importante que deixemos de ser escravizados pelo conhecimento do outro, para sermos protagonistas da construção do nosso próprio saber.

## **6. REFERÊNCIAS**

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. *In*: CANDAU, V. M. & MOREIRA, A. F. (Org.). **Multiculturalismo, Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Educação e diversidade cultural**. Cadernos PENESB, v. 10, p. 37-54, 2010.

VERDE, Ana Paula dos Santos Reinaldo; MARTINS, Elcimar Simão. Educação Histórica: o Museu e a importância da história local no ensino de História. **Revista Diálogo Educacional**, v. 21, n. 69, p. 650-669, 2021.